



## A VISÃO DE RICHARD J. ALEXANDER SOBRE A ECOLINGUÍSTICA<sup>1</sup>

Richard Alexander (Universidade de Viena, Áustria)

**R e s u m o :** Esse breve artigo aborda a importância de se pensar o vínculo entre a língua e o meio ambiente, uma vez que aquela desempenha um papel importante no que diz respeito a influenciar os falantes a perceberem ou a construir o mundo que os rodeia. Para estabelecer esse vínculo entre os estudos da língua e as questões ambientais, faz-se necessária uma abordagem interdisciplinar, preocupada também com destacar as ramificações políticas e sociais das interações, de forma a descobrir como os produtores dos discursos estão realmente se posicionando em relação ao meio ambiente.

**P a l a v r a s - c h a v e :** Língua; meio ambiente; discurso; abordagem interdisciplinar.

**A b s t r a c t** This brief paper discusses the importance of thinking about the relationship between language and environment, since the former plays an important role in influencing speakers to realize or to build the world around them. In order to establish this link between language studies and environmental issues, an interdisciplinary approach is necessary, together with a concern to highlight the political and social ramifications of the interactions, in order to discover how the producers of discourse are really positioning themselves in relation to environment.

**K e y w o r d s :** Language; Environment; Speech; Interdisciplinary approach.

A Ecolinguística tem sido, há muito tempo, utilizada como um conceito guarda-chuva para um campo de estudos que abrange dois focos principais. Depois de Bolinger (1980), alguns veem o nosso trabalho como algo que segue uma trajetória que parte “da ecologia da língua para a língua da ecologia e volta para a ecologia da língua”.

Meu trabalho e o de muitos colegas estão localizados na área da língua e da ecologia. O surgimento dos movimentos ‘verdes’, ou grupos de campanha ambiental, partidos políticos em alguns países e oposição às práticas comerciais e sociais ecologicamente prejudiciais, tem levado os negócios e os grupos economicamente poderosos a se posicionarem, primeiro, na defensiva, para depois iniciarem o contra-ataque. Como Greer e Kenny (1996) demonstram, a resposta por parte das grandes corporações comerciais

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês por Carla Janaína Figueiredo.

que foram responsáveis pela degradação ambiental foi a de adotar tanto uma linguagem superficial quanto às declarações de ambientalistas para, assim, engajarem-se na ‘lavagem cerebral verde’ (*greenwash*).

Portanto, as divulgações de desastres ecológicos e ambientais, tais como derramamento de óleo no mar ou ‘fome’ relacionada com os processos de desertificação na África, vêm e vão de forma cíclica, da mesma forma como os altos e baixos do mercado de valores. E claramente, no mundo da globalização corporativa, as prioridades anunciadas pelo último ignoram a relevância do primeiro (com exceção do fato de que os primeiros roubam a atenção de forma sensacionalista) na moldura globalmente midiaticizada, a qual constitui a janela no mundo que está fazendo a sua administração e que também ajuda a administrar esse mundo. Na combinação e cooperação com outras abordagens disciplinares – as ciências sociais, as ciências da vida, a biologia, a ecologia, e a economia – nós podemos começar a desatar o *nó* da distorção que está contribuindo para a crise ecológica. O uso da língua é crucial neste processo.

Considere, por exemplo, o termo ambíguo ‘meio ambiente’. Ele pode ser contrastado com ‘realidade física’. A vida humana como parte de uma biosfera mais ampla, mas como um simples elemento inerente a ela, o que pressupõe uma interação constante dos seres humanos com ela, da qual eles não se separam, e ela é, portanto, o seu meio ambiente (Lakoff, 1987, p. 215). Dessa forma, o ‘meio ambiente’ é definido como relativo ao modo como os seres humanos interagem com a ‘realidade física’. O primeiro é uma noção antropocêntrica enquanto o último é independente de todos os seres animados. ‘Realidade física’, ‘ecologia’, ‘biosfera’, ‘meio ambiente’: listamos tais termos para destacar a dificuldade de apreensão do local da existência humana no nível das palavras e dos conceitos individuais. Portanto, talvez não seja surpreendente compreender que a questão de relacionar a ‘mudança climática’ aos humanos seja, no mínimo, parcialmente uma questão discursiva ou linguística. Como os linguistas e estudiosos da língua, nós estamos convencidos de que ela desempenha um papel importante no que diz respeito a influenciar os falantes a perceberem ou a construírem o mundo de uma maneira específica.

Talvez seja pedir muito que as pessoas compreendam como as atividades a curto prazo em que elas e seus antepassados se envolveram (ou têm se envolvido) tenham contribuído para consequências a longo prazo e não intencionais com relação ao planeta como um todo. Como o adágio keynesiano afirma, de modo a confortar cada um individualmente,

‘no futuro, todos nós estaremos mortos’. Mas não, é claro, todos ao mesmo tempo, ele deveria ter acrescentado.

Nós precisamos ser cautelosos aqui. Demonstrar a conexão entre língua e discurso e a compreensão de questões ecológicas é uma área central para a pesquisa interdisciplinar. A necessidade de destacar as ramificações políticas e sociais é semelhantemente de grande importância. Tal abordagem não é nova para os linguistas e certamente não é para os linguistas aplicados.

Como muitos colegas argumentam, as percepções e as não percepções acerca das crises ecológicas ou de problemas ambientais, tais como mudança climática, destruição de florestas e ecossistemas das quais todas as espécies, incluindo os humanos, dependem, não são sensorialmente experimentadas aqui e agora. É o discurso permeado pelas muitas vozes dos cientistas que constitui a fonte de nosso conhecimento sobre tais questões. Elas, por sua vez, são filtradas e frequentemente distorcidas pelas apresentações da mídia acerca de tais acontecimentos. Desse modo, nós podemos ouvir bem a pergunta que é imposta: afinal de contas, onde é que o ‘mundo real’ realmente está em perigo?

O resultado surpreendente dessa ‘cascata’ de diferentes perspectivas e influências nas questões ecológicas significa que um foco significativo da análise orientada para a língua envolverá uma mudança para além do que pode ser compreendido como os limites estreitos do assunto. A meu ver, uma abordagem interdisciplinar é o único caminho pelo qual os estudos sobre a língua e as ações envolvendo a ecologia e as questões ambientais podem ter garantido o seu prosseguimento de forma frutífera no futuro. Entender a maneira como a língua e a investigação da ecologia (como ciência de fato e aplicações tecnológicas em geral) estão relacionadas requer uma abordagem interdisciplinar ou transdisciplinar (veja Halliday, 1990, neste contexto).

Além disso, dada a forma como o mundo está organizado, é evidente que a desigualdade subjacente ao acesso à informação sobre o mundo – ecologia ou meio ambiente, em nosso caso – está coberta por uma fachada que eventualmente representa o que transita pelo mundo como ‘natural’, como ‘não prejudicial’ ou mesmo como ‘inevitável’. É o desmantelamento dos aspectos linguísticos dessa fachada que eu vejo como o objetivo mais importante do meu trabalho, o qual eu situo dentro da análise do discurso crítica e, também, como uma das arenas principais de intervenção para os estudantes do discurso e da ecologia.

## ECO-REBEL

O que as guerras envolvendo recursos ou fontes têm a ver com as nossas preocupações sobre o meio ambiente e a ecologia, por exemplo? Muito, eu diria. Enquanto os nossos representantes políticos e os interesses corporativos garantem que estão operando em favor dos direitos humanos e do seu bem-estar e, ao mesmo tempo, objetivamente, fazem piorar essa situação por razões de estado ou em nome da proteção dos empregos, da segurança nacional, do livre comércio, dos ‘valores do acionista’, da democracia ou quaisquer que sejam as justificativas dadas, como estudiosos da língua, nós estamos sendo chamados para mediar esse desencontro evidente entre o dizer e o significar.

Há um papel decisivo para a análise crítica da língua na esfera da língua e da ecologia. Meu trabalho (Alexander, 2009) objetiva destacar certos aspectos do discurso de forma a descobrir o que os produtores deste discurso estão realmente conseguindo. O seu foco está em como os falantes e os escritores posicionam tanto os seus ouvintes quanto os seus leitores, levando-os, assim, a entender ou a ver os ‘fatos’ ou os eventos que eles relacionam de uma maneira particular.

Um outro foco alega que o discurso da economia de mercado está colonizando e servindo para estreitar o discurso crítico e oposicionista no que diz respeito ao meio ambiente e à ecologia, e ainda fornece evidência empírica para esta alegação. Eu tenho investigado como os pensamentos e as ações sobre questões ecológicas e ambientais estão sendo linguisticamente canalizadas por meio de um modelo específico da economia de mercado. Este trabalho é parte de um projeto que enfatiza a relação dialética entre língua e ecologia. (Veja Alexander, 1993 e 1996; e Fill, 1993 e 1996). Eu argumento que o discurso ambiental e o pensamento ecológico são severamente limitados dentro da estrutura do pensamento e do discurso econômico. Nós estamos lidando aqui com um modelo específico de economia com uma base institucional fortemente estabelecida. As ricas e poderosas corporações comerciais, em particular, mas, também, os seus seguidores na política e na mídia, empregam um discurso para direcionar a tolerância no que diz respeito a uma degradação ambiental futura.

A estruturação da ecologia nessa perspectiva está avançando rapidamente dentro de nosso sistema econômico capitalista prevalecente. Além disso, este não é um desenvolvimento recente. Nos anos 70, O’Neill (1972, p. 20) nos chamou a atenção para o assunto que eu pretendo discutir: “a imaginação política está acorrentada pela organização corporativa da sociedade moderna”. É difícil para os governantes limitar a habilidade das corporações

multinacionais com o intuito de “dar forma à *ecologia nacional* e à *economia psíquica dos indivíduos*” (grifos meus).

Tal fato significa um mau presságio para o futuro de nosso planeta. Estudiosos da língua na área de língua e ecologia, independentemente de se autodenominarem ‘ecolinguistas’ ou não, podem desempenhar um papel bastante significativo, especialmente se eles trabalham em universidades ou em outras instituições educacionais. Eles podem destacar o que está acontecendo quando as corporações, os políticos e os ativistas falam e escrevem e, assim, influenciar o que as pessoas pensam sobre questões ambientais e ecológicas.

### Referências

- ALEXANDER, R. J. *Introduction to the Aims of the Symposium, Work So Far and Some Ecolinguistic Principles to Pursue*. In: ALEXANDER; BABG; DØØR (orgs.), 21-30, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Introduction to the Symposium ‘Language and Ecology’: Past, Present and Future*. In: BABG; DØØR; ALEXANDER, R. J.; FILL, A.; VERHAGEN, F. (orgs.), p. 17-25, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Framing discourse on the environment. A critical discourse approach*. Nova York e Londres: Routledge, 2009.
- \_\_\_\_\_; BANG, J. C.; DØØR, J. (orgs.). *Papers for the symposium “Ecolinguistics. Problems, theories and methods” AILA 1993*. Odense: Odense University, ISBN 87-89349-09-1, 1993.
- BANG, J. C.; DØØR, J.; ALEXANDER, R. J.; FILL, A.; VERHAGEN, F. (orgs.). *Language and Ecology: Eco-Linguistics. Problems, Theories and Methods. Essays for the AILA 1996 Symposium*. Odense: Odense University, 1996.
- BOLINGER, D. *Language. The Loaded Weapon*. Londres: Longman, 1980.
- FILL, A. *Ökologistik. Eine Einführung*. Tübingen: Günter Narr, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Ökologie der Linguistik–Linguistik der Ökologie*. In: FILL, A. (org.), p. 3-16, 1996.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Sprachökologie und Ökologistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996.
- GREER, J.; BRUNO, K. *Greenwash. The Reality behind Corporate Environmentalism*. Nova York e Penang: The Apex Press and Third World Network, 1996.
- HALLIDAY, M. A. K. *New ways of meaning. A challenge to applied linguistics*. *Journal of Applied Linguistics*, p. 6: 7-36, 1990.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1987.
- O’NEILL, J. *Sociology as Skin Trade. Essays towards a reflexive sociology*. Londres: Heinemann, 1972.

Texto convidado.